

Verney e o método crítico

BRENO FERRAZ LEAL FERREIRA*

A partir de meados do século XVII, o campo historiográfico foi inovado pelo advento do chamado *método crítico*. Importantes intelectuais europeus puseram-se a debater a melhor maneira de se interpretar um texto histórico, o melhor procedimento para se separar o verdadeiro do falso. Pode-se entender que tais debates de alguma forma constituíam respostas ao problema da *crise da consciência europeia*, expressão cunhada pelo historiador francês Paul Hazard para caracterizar o movimento de ideias entre 1680 e 1715, no qual “as noções mais comumente aceites, a do consenso universal que demonstrava Deus, a dos milagres, eram postas em dúvida” (HAZARD, 1948: 8).

De acordo com essa perspectiva, a partir do final do século XVII o problema iniciado pela ruptura provocada pela Reforma protestante no seio do mundo cristão foi agravado pelo surgimento de tendências intelectuais que passaram a contestar as religiões institucionalizadas, ou, de maneira mais radical, a negar a própria existência de Deus. Desde Martinho Lutero, o problema epistemológico da busca dos critérios de veracidade se tornou um problema inerente ao próprio pensamento teológico e filosófico, atingindo posteriormente o campo científico. Inicialmente, tratava-se de um debate entre cristãos: quem estão certos, católicos ou protestantes? Posteriormente, o debate foi ampliado no sentido de se questionar sobre a própria possibilidade de afirmar a verdade, na filosofia e na ciência. Por fim, chegando agora ao momento identificado por Hazard, as certezas foram postas em xeque também no campo religioso, possibilitando o advento de vertentes céticas (“pírrônicas”), deístas e ateístas, que acabavam por se tornar inimigas comuns a católicos e protestantes.

Nos últimos anos, estudiosos têm debatido largamente a obra do historiador Jonathan Israel, *Radical Enlightenment*, de 2001. De certa forma, Israel efetivou um resgate da obra de Hazard, todavia antecipando o início da crise da consciência europeia

* Mestre em História Social pela FFLCH-USP e doutorando pelo mesmo programa.

de 1680 para 1650. Sua intenção era transformar um personagem relativamente periférico na obra de Hazard, Baruch de Espinosa, em ator principal. Para Israel, Espinosa foi uma espécie de líder e mentor da tendência radical que viria a caracterizar o Iluminismo, contestadora da veracidade da Bíblia, da Igreja Católica e das religiões em geral. Espinosa foi denominado por seus contemporâneos religiosos como “ateísta”, muito embora afirmasse a existência de um Deus que identificava com a natureza. O filósofo holandês seria, assim, um deísmo.

Pretendemos mostrar aqui que o *método crítico* foi resultado dos embates entre católicos, protestantes e ateístas, além de hebreus. E que o padre português Luís António Verney (1713-1792) incorporou uma certa vertente do método crítico em sua obra *Verdadeiro método de estudar*, de 1746.

Na Itália desde 1736, Verney havia saído de sua terra natal insatisfeito com o ensino tal como era ministrado pela Companhia de Jesus. Bacharel em Filosofia pela Universidade de Évora – onde também iniciou o curso de Teologia – tornou-se um crítico da maneira como a religião era ensinada aos jovens estudantes. Em Roma, Nápoles e demais regiões por onde passou na península Itálica, Verney entrou em contato com eminentes personalidades da intelectualidade local, além de obras que lhe eram desconhecidas em Portugal. Foi nesse ambiente que concebeu e consolidou as ideias que constam da obra citada, além de outros escritos produzidos no período.

O *Verdadeiro método de estudar* tem como ponto central a proposta que apregoa a necessidade de uma renovação do pensamento teológico em Portugal. Verney propõe a adoção de uma *teologia dogmática* (não escolástica) passível de ser harmonizada com certas tendências da filosofia moderna (Grócio, Pufendorf e Locke, entre outros). Os dezesseis capítulos que compõem a obra reivindicam esta renovação do ensino em cada uma das áreas do saber (línguas, gramática, poesia, direito, medicina, ética, lógica, metafísica, retórica, física e teologia).¹ Para cada uma dessas áreas, Verney aponta as razões da deficiência do ensino, nomeando as obras de autores mais pertinentes a serem

¹ As dezesseis cartas do *Verdadeiro método de estudar* e onde se encontram na edição de Antonio Salgado Júnior: *Língua Portuguesa, Gramática Latina, Latinidade, Grego e hebraico* (volume I: Estudos Lingüísticos), *Retórica, Poesia* (volume II: Estudos Literários), *Lógica, Metafísica, Física, Ética* (volume III: Estudos Filosóficos), *Medicina, Direito, Teologia* (volume IV: Estudos Médicos, Jurídicos e Teológicos), *Direito canônico e Regulamentação* (volume V: Estudos Canônicos, Regulamentação e Sinopse).

discutidos pelos alunos portugueses. O autor postula a inutilidade das discussões escolásticas para o que deveria ser, segundo ele, o verdadeiro papel do cristão naquele momento: defender a religião católica frente aos seus inimigos, isto é, os tradicionais “hereges” (protestantes, hebreus...) e os novos ateístas, deístas e céticos em matéria de religião (pírrônicos) em geral.

É nesse ponto que entra o método crítico. Verney proclama a necessidade do conhecimento da história de cada uma das áreas do saber. Em seu “novo método”, o conhecimento histórico é tido como propedêutico e serve ao católico como arma para que defenda sua religião. A história serve para provar a veracidade do catolicismo e afirmar a falsidade dos argumentos de seus inimigos.

Em cada um dos capítulos, Verney traça uma história dos saberes sobre os quais discorre. Na história que tece da teologia, chega a dar razão aos “hereges”, como Lutero. Depois de narrar a história do que seria a decadência da teologia medieval provocada pelo advento da Escolástica, Verney afirma que não estavam Lutero, Calvino e “outros modernos” completamente errados em suas proposições, dado que mostraram terem os católicos se apartado “do verdadeiro método da Teologia”, pois “falavam muito, mas não sabiam nada de Teologia” (VERNEY, 1952: 249.). Fica clara uma preferência pela teologia dogmática, tal como apregoada pelos Santos Padres do início da era cristã, cuja autoridade defende constantemente. O problema dos “hereges”, segundo Verney, é que atacaram o fundamento da doutrina cristã, mas “se tudo o que dizem os Hereges fosse contrário aos nossos dogmas, seriam Idólatras ou Ateus, e não Hereges, quero dizer, Cristãos. Não é o método o que se condena nos Hereges; é a má interpretação.” (VERNEY, 1952: 230-231.)

Eis que temos aí colocado o problema da verdadeira interpretação dos textos, ou seja, do método crítico. Teriam sido os protestantes aqueles que abriram os olhos dos católicos da República das Letras para a busca de um “novo método” de interpretação. Para Verney, a partir do século XVII o método crítico (a “Crítica”) se consolidou. Em suas palavras:

nesta era, não basta que um homem afirme uma coisa; é necessário que a prove e mostre que os monumentos de que tira as suas provas são livres de toda a corrupção. Antigamente, citavam um texto de Sto. Agostinho e, sem outro exame, o admitiram; hoje não basta isso, mas a Crítica dá um passo

adiante, e examina se o texto é verdadeiro, ou suposto; e, ainda admitido isso, examina-se qual foi o intento do Santo, com os socorros tirados da História. O grande desejo que tinham os doutos de gozar as obras dos SS. PP. puras fez que revolvessem os arquivos, conferissem os manuscritos, e, com perfeita crítica, os examinassem. (VERNEY, 1952: 265-266.)

A finalidade para qual apregoa a necessidade do método crítico é a mesma pela qual o defenderam os beneditinos da Congregação de Saint-Maur, na França, cujo principal nome foi Jean Mabillon (1632-1707). A principal contribuição de Mabillon talvez tenha sido a ideia defendida no seu *De re diplomatica* de que a verdade pode ser distinguida do erro se forem adotadas regras objetivas e se a dúvida metódica for utilizada razoavelmente (GLENISSON, 1991; 86-97). Contrariamente àqueles que pensavam ser os testemunhos mais antigos os mais seguros, adotou, bem como os céticos, a postura de considerar que também estes eram suscetíveis a erros, passíveis de deformar a verdade. Ao mesmo tempo, entendia que a pesquisa da verdade não poderia, de modo algum, prejudicar a honra da ordem, nem a causa da religião católica. Com seu método, pretendia reduzir os argumentos dos pirrônicos a nada (GRELL, 222-229; KANTOR, 69-78; BERTELLI, 223-134).

Verney menciona os maurinos, o que prova que os conhecia (VERNEY, 1952: 241.). Como lembra Marc Bloch, Mabillon havia entrado em atrito com jesuítas. O jesuíta bolandista Daniel von Paperbroeck (1628-1714) afirmara a falsidade de todos os diplomas merovíngios preservados nos mosteiros, ao que Mabillon respondeu que, se havia diplomas forjados, havia também os autênticos. Neste momento, segundo Bloch, foi fundada a crítica de documentos. O historiador destaca também, entre outros nomes importantes, os de Pierre Bayle e Espinosa, referindo-se ao *Tratado teológico-político* (1670), do segundo, como “essa pura obra-prima de crítica filológica e histórica” (BLOCH, 2001: 90-91). Cabe mencionar que Bayle foi o autor do famoso *Dicionário histórico e crítico* (1696-1697), e peça-chave da obra de Paul Hazard. Separando moral e religião, Bayle fora responsável por afirmar a possibilidade da virtuosidade de um ateu. Verney chega a mencioná-lo (VERNEY, 1950: 9), numa passagem reveladora por manifestar conhecimento da sua existência e por acusar os portugueses como ignorantes por não o conhecerem.

Foi no seio dos estudos hebraicos que Espinosa iniciou seus estudos críticos da Bíblia, sendo expulso da Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, em função de seus postulados sobre Deus, que iam de encontro também aos pilares do cristianismo. No capítulo VII do *Tratado teológico-político*, “Da interpretação da Escritura”, estabeleceu o que seriam as regras para uma interpretação verdadeira dos textos bíblicos. Afirma que “para interpretar a Escritura é necessário elaborar a sua história autêntica e, depois, com base em dados e princípios certos, deduzir daí como legítima consequência o pensamento dos seus autores”. A história a que Espinosa refere-se implica três procedimentos. Em primeiro lugar, a necessidade do conhecimento das línguas originais, para que se possa examinar todos os sentidos que cada frase pode ter de acordo com o uso normal da língua. Em segundo lugar, para se buscar o verdadeiro sentido dos textos, deve-se “coligir as opiniões contidas em cada livro e reduzi-las aos pontos principais”, e assim “registrar todas as que são ambíguas ou obscuras ou que parecem estar em contradição entre si”. E, por fim, deve-se ter uma “história da Escritura” que descreva todos os livros, a época em que foi escrito, por quem o foi, em qual língua escrevia, como foi originalmente acolhido, as versões que recebeu e quem o incluiu entre os livros da Bíblia, entre outros aspectos (ESPINOSA, 2003: 116-119).

A diferença entre o método crítico de Espinosa e o apregoado por Verney é que o filósofo holandês entende ser o texto bíblico também um dado histórico, e não um livro de que deve ser lido *a priori* como um texto escrito por autores inspirados por Deus. Espinosa estabelece uma metodologia que questiona a sacralidade da Bíblia, buscando utilizar a história justamente com essa finalidade. O conhecimento das línguas originais em que fora escrita é necessário para que se possa compreender seu sentido original. Verney, ao contrário, não duvida da inspiração divina da Bíblia, mas o conhecimento das línguas antigas (grego, latim e hebraico) para a correta compreensão dos textos originais, inclusive os bíblicos, também faz parte de seu método crítico.

Na carta sobre a ética o nome de Espinosa aparece como uma ameaça à religião católica. Verney estabelece uma relação de autores “ímpios”, cujas obras são “nocivas”, situando o filósofo holandês ao lado de Hobbes, Locke, Tesouro, Barbeirac e Maquiavel. Embora reconheça que estes autores “têm muita coisa boa”, “não servem senão para homens feitos e bem fundados nos princípios da Religião Católica, que os

podem ler sem perigo e deles tirar o que é útil” (VERNEY, 1950 (2): 298.). Ou seja, a leitura de um autor destes é um perigo ao jovem estudante católico, que corre o risco de se “contaminar” pelas doutrinas de autores considerados por ele anti-católicos. A *Ética* (1677), de Espinosa, é considerada uma obra “ímpia”, pois “tira a liberdade ao Homem e confunde o Homem com Deus, e tudo isto debaixo de belíssimas expressões que podem enganar qualquer.” (VERNEY, 1950 (2): 297.)

As verdades da religião parecem ser um dado para Verney, mas que, em função das dúvidas que vinham sendo levantadas naquele contexto, deveriam ser provadas – até para si mesmo. Ele considera que na Teologia é necessário “provar estas verdades reveladas”, para “nos certificarmos da verdade da nossa religião e reconhecermos que devemos crer com toda a segurança os nossos Dogmas”, e, além disso, para “taparmos a boca aos Infiéis e Hereges, que negam, ou duvidam, de alguma delas” (VERNEY, 1952: 281-282.). Do que fica clara a sua intenção de estabelecer um método útil para a defesa do catolicismo. A existência de Deus deveria ser tomada como um pressuposto. Mas, infelizmente, é necessário prová-la, já que este ponto:

foi sempre, e ainda por nossos pecados é, debatido entre alguns Filósofos; pois em todos os séculos se acham homens que procuraram obscurecer esta verdade; e ainda no passado houveram alguns engenhos sublimes que escreveram largamente contra esta matéria, e arrastaram muitos para a sua parte. (VERNEY, 1950 (2): 244-245.)

A existência de Deus havia sido colocada em dúvida, sendo debatida entre “alguns Filósofos”. Provavelmente Verney estivesse pensando especificamente em Espinosa, porém, chega a ser curioso que não estivesse encontrando facilidades em encontrar provas para esta finalidade: “Devo dizer a V. P. que, ainda que esta verdade seja tão clara, contudo ainda até aqui não se acharam provas que a pusessem longe de toda a objecção e tapassem a boca dos Ateístas” (VERNEY, 1950 (2): p.245.).

Não se pode afirmar com certeza que Verney leu diretamente qualquer obra de Espinosa, ou parte(s) de qualquer uma delas. O mesmo se pode dizer sobre Bayle, Mabillon ou qualquer outro autor mencionado por ele. Mas pode-se dizer com segurança que no ambiente intelectual que encontrou na Itália, a discussão sobre esses autores estava na ordem do dia. Os autores “ímpios” eram muitas vezes denominados

também como “epicureus”, uma referência ao filósofo materialista antigo Epicuro. A designação “epicureu” era muitas vezes um sinônimo de “ateu”, e é por vezes utilizada por Verney. Sabe-se, por exemplo, que um personagem importante do Iluminismo italiano como Paolo Mattia Doria (1667-1746) era descrito em Nápoles como um “espinosista”, e que muitos outros nomes da intelectualidade local conheceram obras de Espinosa e foram influenciados por elas (ISRAEL, 2001: 664-670).

Mas em relação propriamente a Verney, pode-se dizer que manteve uma vida intelectual ativa em terras italianas, e que se correspondeu com figuras importantes da República das Letras, inclusive algumas relacionadas diretamente com as discussões em torno do método crítico. Exemplo disso são as vinte cartas trocadas entre ele e o erudito italiano Ludovico António Muratori (1672-1750), entre 1745 e 1749. Muratori, assim como Verney, também se voltara contra a educação escolástica que recebera dos padres jesuítas, propondo uma renovação do pensamento religioso, defendendo a ortodoxia dogmática.

Sabe-se que a ida dos beneditinos de Saint-Maur Bernard de Mautfaucon (1655-1741) e principalmente Mabillon à península Itálica, no final do século XVII, incentivou a divulgação do método crítico. Mabillon deixou lá um discípulo seu, o beneditino italiano Benedicto Bacchini. Foi Bacchini quem ensinou a Muratori rudimentos de paleografia e estimulou a aprendizagem de línguas estrangeiras, como francês, espanhol e grego. Muratori sucedeu-o como bibliotecário do duque de Módena, e, como é conhecido, trocou correspondências também com Mautfaucon e Mabillon (MOMIGLIANO, 1993).

Muitos historiadores consideraram o trabalho nos mosteiros da Congregação Beneditina Francesa de Saint-Maur, na segunda metade do século XVII, como uma importante etapa da formação da erudição e da crítica histórica, cujo ponto fulcral seria a escola metódica francesa do século XIX. Alguns chegaram até mesmo a entender tais beneditinos como os fundadores da historiografia moderna, o que recebeu a crítica do historiador Josep Fontana, para quem a importância dos maurinos reside nas ferramentas que estabeleceram para a atuação dos historiadores, ou seja, um conjunto de regras e métodos para o estudo documentos, mas que sua contribuição a respeito de uma

teoria que devesse dar-lhes o plano geral de suas investigações foi nula (FONTANA, 1998: 52-53).

A proposição do método crítico por Verney permite que seja considerado um dos introdutores da historiografia moderna em Portugal, muito embora, deve-se deixar claro, Verney nunca tenha sido um historiador, e desde que se leve em conta os limites dessa consideração, como os apontados por Fontana. Todavia, é preciso que se atente para o fato de que sua voz não estava isolada entre os portugueses, mas dialogava com uma geração anterior de homens que já haviam de certa forma incorporado o método crítico em Portugal.

Em carta dirigida a ele por Muratori, publicada por Luís Cabral de Moncada, o sábio italiano dizia-lhe que havia lido “o primeiro volume da Real Academia de Lisboa”, na verdade a Academia Real da História Portuguesa (ARHP) – a primeira Academia destinada exclusivamente à História em toda a Europa, fundada em 1720 –, e ter notado “que era para desejar nele algo de uma crítica mais sã”, posicionamento com o qual Verney viria manifestar concordância. Porém, o próprio Verney reconhece que conheceu em Portugal homens que “cultivam a erudição e o critério, que peregrinaram já por alguns países da Europa e que daí trouxeram para a sua terra o bom gosto das Letras”, mas que, porém, “vêm-se obrigados a ocultar o que sentem” (MONCADA, 1950: 260).

Ou seja, sugere que conheceu a crítica já em Portugal, mesmo que por meio de autores que a aprenderam no estrangeiro. Aqueles que a conhecem são pressionados a não se manifestarem. Trata-se provavelmente de uma referência a Frei Miguel de Santa Maria (1657-1728), que, conforme informa Inocêncio Francisco da Silva, foi um eremita agostiniano, prior do Convento de Santarém e membro da ARHP. Em 1726, publicou obra na qual defendia não ter sido S. Tiago, mas S. Paulo aquele que teria ido à Espanha pregar o Evangelho (SILVA, 1860: 243). Essa obra recebeu resposta do padre teatino Manuel Caetano de Sousa (1658-1734), intitulada *Expeditio Hispanica Sancti Jacobi* (1727-1732), a qual Verney afirma ter lido:

Assim, logo um frade Teatino, chamado Sousa, num grosso volume muito condensado, veio em defesa de S. Tiago. Ignoro o que pensarás desse livro. A mim, na verdade, parece-me que ele, depois de muito trabalho e muito suor, só conseguiu provar ter o seu autor defendido uma péssima causa, nada

assente em sólidas razões, de modo que, lido o livro, plenamente acreditei naquilo sobre que antes apenas tinhas dúvidas: não ter o Apóstolo nunca aportado às Espanhas. (MONCADA, 1950: 260)

Para Norberto Ferreira da Cunha, a crítica histórica já era um princípio norteador entre os letrados da ARHP. Inclusive em relação a Manuel Caetano de Sousa, que fora, em grande parte, um dos responsáveis pela fundação da academia. Curiosamente, segundo Ferreira da Cunha, para os acadêmicos a busca da verdade histórica não deveria contrariar os princípios da religião (CUNHA, 2000: 30-34). Portanto, não há uma oposição de princípios entre Verney e os acadêmicos. Todos eles advogaram por um método crítico coadunado com a religião católica. Verney entendia ser o método crítico o verdadeiro método de estudar, necessário para defender a religião.

Devemos concluir que entre finais do século XVII e a primeira metade do século XVIII, intelectuais como Mabillon, Muratori e Verney foram responsáveis por uma renovação nos estudos católicos, pela incorporação e desenvolvimento de certos princípios da crítica já desenvolvidos por protestantes, mas cuja necessidade fazia-se necessária para que se respondesse aos novos inimigos advindos da “crise da consciência europeia”.

Fontes e Bibliografia

BERTELLI, Sergio Bertelli. *Rebeldes, libertinos y ortodoxos en el barroco*. Barcelona: Edicions 62, 1984.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CUNHA, Norberto Ferreira da. *Elites e acadêmicos na cultura portuguesa setecentista*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2000.

ESPINOSA, Baruch de (1670). *Tratado teológico-político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Tradução de Luiz Roncari. Bauru: EDUSC, 1998.

GLENISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991.

GRELL, Chantal. *L'histoire entre erudition et philosophie: etude sur la connaissance historique à l'âge des lumières*. Paris: PUF, 1993.

HAZARD, Paul. *A crise da consciência europeia (1680-1715)*. Tradução de Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1948.

ISRAEL, Jonathan Irvine. *Radical Enlightenment. Philosophy and the making of modernity (1650-1750)*. New York, Oxford University Press, 2001.

KANTOR, Íris. *Esquecidos e renascidos. Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo-Salvador: Editora Hucitec/Centro de Estudos Baianos, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Los discípulos italianos de Mabillón. In: *Ensayos de historiografía antiga y moderna*. México: Fondo de cultura económica, 1993.

MONCADA, Luís Cabral de. *Estudos de História do Direito. Século XVIII – Iluminismo Católico. Verney: Muratori*. Por Ordem da Universidade, 1950.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1860, tomo V.

VERNEY, Luís António (1746). *Verdadeiro método de estudar*. Volume II: Estudos Literários. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950.

VERNEY, Luís António (1746). *Verdadeiro método de estudar*. Volume III: Estudos Filosóficos. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950.

VERNEY, Luís António (1746). *Verdadeiro método de estudar*. Volume IV: Estudos Médicos, Jurídicos e Teológicos. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952.